



MÉTODOS E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS:

estudos, reflexões e perspectivas

Marcos Pereira dos Santos
(Organizador)

2

Direção Editorial

Prof.º Dr. Adriano Mesquita Soares

Organizador

Prof.º Dr. Marcos Pereira dos Santos

Capa

AYA Editora

Revisão

Os Autores

Executiva de Negócios

Ana Lucia Ribeiro Soares

Produção Editorial

AYA Editora

Imagens de Capa

br.freepik.com

Área do Conhecimento

Ciências Humanas

Conselho Editorial

Prof.º Dr. Aknaton Toczec Souza
Centro Universitário Santa Amélia
Prof.ª Dr.ª Andreia Antunes da Luz
Faculdade Sagrada Família
Prof.º Dr. Carlos López Noriega
Universidade São Judas Tadeu e Lab.
Biomecatrônica - Poli - USP
Prof.º Me. Clécio Danilo Dias da Silva
Centro Universitário FACEX
Prof.ª Dr.ª Daiane Maria De Genaro Chiroli
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof.ª Dr.ª Déborah Aparecida Souza dos Reis
Universidade do Estado de Minas Gerais
Prof.ª Dr.ª Eliana Leal Ferreira Hellvig
Universidade Federal do Paraná
Prof.º Dr. Gilberto Zammar
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof.ª Dr.ª Ingridi Vargas Bortolaso
Universidade de Santa Cruz do Sul
Prof.ª Ma. Jaqueline Fonseca Rodrigues
Faculdade Sagrada Família
Prof.º Dr. João Luiz Kovaleski
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof.º Me. Jorge Soistak
Faculdade Sagrada Família
Prof.º Me. José Henrique de Goes
Centro Universitário Santa Amélia
Prof.ª Dr.ª Leozenir Mendes Betim
Faculdade Sagrada Família e Centro de
Ensino Superior dos Campos Gerais
Prof.ª Ma. Lucimara Glap
Faculdade Santana

Prof.º Dr. Luiz Flávio Arreguy Maia-Filho
Universidade Federal Rural de Pernambuco
Prof.º Me. Luiz Henrique Domingues
Universidade Norte do Paraná
Prof.º Dr. Marcos Pereira dos Santos
Faculdade Rachel de Queiroz
Prof.º Me. Myller Augusto Santos Gomes
Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof.ª Dr.ª Pauline Balabuch
Faculdade Sagrada Família
Prof.º Me. Pedro Fauth Manhães Miranda
Centro Universitário Santa Amélia
Prof.ª Dr.ª Regina Negri Pagani
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof.º Dr. Ricardo dos Santos Pereira
Instituto Federal do Acre
Prof.ª Ma. Rosângela de França Bail
Centro de Ensino Superior dos Campos
Gerais
Prof.º Dr. Rudy de Barros Ahrens
Faculdade Sagrada Família
Prof.º Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares
Universidade Federal do Piauí
Prof.ª Ma. Sílvia Apª Medeiros Rodrigues
Faculdade Sagrada Família
Prof.ª Dr.ª Sílvia Gaia
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof.ª Dr.ª Sueli de Fátima de Oliveira Miranda
Santos
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof.ª Dr.ª Thaisa Rodrigues
Instituto Federal de Santa Catarina

© 2021 - **AYA Editora** - O conteúdo deste Livro foi enviado pelos autores para publicação de acesso aberto, sob os termos e condições da Licença de Atribuição Creative Commons 4.0 Internacional (**CC BY 4.0**). As ilustrações e demais informações contidas desta obra são integralmente de responsabilidade de seus autores.

M9399 Métodos e práticas pedagógicas: estudos, reflexões e perspectivas 2. / Marcos Pereira dos Santos (org.). -- Ponta Grossa: Aya, 2021. 300 p. – ISBN: 978-65-88580-67-7

Inclui biografia

Inclui índice

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: World Wide Web.

DOI 10.47573/aya.88580.2.42

1. Educação. 2. Educação especial - Legislação. 3. Educação física (Ensino fundamental). 4. Ensino médio. 5. Meritocracia. 6. Minorias - Educação – Brasil. 6. Educação de jovens e adultos. 7. Tecnologia educacional. 8. História da educação. 9. Inclusão escolar I. Santos, Marcos Pereira. II. Título

CDD: 370.7

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Bruna Cristina Bonini - CRB 9/1347

International Scientific Journals Publicações de
Periódicos e Editora EIRELI

AYA Editora©

CNPJ: 36.140.631/0001-53

Fone: +55 42 3086-3131

E-mail: contato@ayaeditora.com.br

Site: <https://ayaeditora.com.br>

Endereço: Rua João Rabello Coutinho, 557
Ponta Grossa - Paraná - Brasil
84.071-150

Reflexões sobre pesquisas na área da história da educação: perspectiva da nova história cultural

Pâmilla Nataly Miguelão Hellmann

Resumo

Este artigo tem como objetivo trazer reflexões sobre o desenvolvimento de pesquisas no campo da História da Educação na perspectiva da Nova História Cultural. A metodologia utilizada é a de revisão bibliográfica com autores do campo educacional, tais como: Bastos (2016), Certeau (1982), Gómes (2003), Nóvoa (2015), Vidal e Faria Filho (2003) e Pesavento (2003). O desenvolvimento conta com a explanação dos passos que um historiador da educação deve seguir para produzir uma pesquisa neste campo, é exposto que o historiador deve compreender o campo, buscar dados e organizar estes dados, deve refletir sobre as possibilidades de escrita a partir de teóricos que o ajudem a pensar o seu problema de pesquisa, é importante se debruçar sobre as fontes, compreendendo que elas precisam ser bem analisadas para se produzir um bom texto, é fundamental também compreender o momento histórico a qual a pesquisa está inserida e por fim foram elencadas várias reflexões sobre a produção da narrativa histórica. Conclui-se que o trabalho do historiador não é tarefa simples, que requer reflexões, organização, compreensão de passado/presente, rigor metodológico e compreensão do que é uma escrita histórica. O historiador deve manter a distância de seu objeto de estudo e deve entender que o passado não pode ser julgado. A construção de pesquisa apesar de atender a todos os rigores, não deve ser uma produção engessada, deve buscar uma narrativa baseada nas fontes, mas, que produza algo com diferencial, esta historiografia deve ser pautada no que o campo exige e deve ser uma escrita ética.

Palavras-chave: historiografia. história cultural. pesquisas históricas.

Abstract

This article aims to bring reflections on the development of research in the field of History of Education from the perspective of New Cultural History. The methodology used is the literature review with authors from the educational field, such as: Bastos (2016), Certeau (1982), Gómes (2003), Nóvoa (2015), Vidal and Faria Filho (2003) and Pesavento (2003). The development relies on the explanation of the steps that a historian of education must follow to produce research in this field, it is exposed that the historian must understand the field, seek data and organize these data, must reflect on the possibilities of writing from theorists that help you to think about your research problem, it is important to look into the sources, understanding that they need to be well analyzed to produce a good text, it is also essential to understand the historical moment in which the research is inserted and finally they were listed several reflections on the production of historical narrative. It is concluded that the historian's work is not a simple task, which requires reflection, organization, understanding of the past/present, methodological rigor and understanding of what historical writing is. The historian must keep his distance from his object of study and must understand that the past cannot be judged. The construction of research, despite meeting all rigors, should not be a plastered production, it should seek a narrative based on sources, but, which produces something with a difference, this historiography must be guided by what the field requires and must be written ethic.

Keywords: historiography. cultural history. historical research.

INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo trazer reflexões acerca de pesquisas no campo da História da Educação, na perspectiva da Nova História Cultural¹. Antes de adentrar nas reflexões sobre pesquisa é necessário entender um pouco sobre a Nova História Cultural. Pesavento (2003) explica que do período de 1980 a 1990 surgiram vários questionamentos de como se fazer história, e neste período houve uma crise nas ciências humanas com relação as formas interpretativas do real da história:

Foram deixadas de lado concepções de viés marxista, que entendiam a cultura como integrante da superestrutura, como mero reflexo da infraestrutura, ou mesmo da cultura como manifestação superior do espírito humano e, portanto, como domínio das elites. Também foram deixadas para trás concepções que opunham a cultura erudita à cultura popular, esta ingenuamente concebida como reduto do autêntico. (PESAVENTO, 2003, p. 8).

A autora continua explicando que a cultura é ainda uma forma de expressão e tradução da realidade que se faz de forma simbólica, ou seja, admite-se que os sentidos conferidos às palavras, às coisas, às ações e aos atores sociais se apresentem de forma cifrada, portando já um significado e uma apreciação valorativa.

Observa-se que nessa forma de se apropriar da cultura para o estudo da história admite-se pontos relevantes que anteriormente não tinham significação. Tanto no Brasil quanto em outros países o entendimento da cultura ganhou espaço nas universidades e mídias e o campo da História expandiu. Essa mudança na análise “pode ser vista como um ajustamento da realidade do mundo às formulações explicativas do homem para dar conta do próprio mundo.” (PESAVENTO, 2003 p. 9)

A transformações no mundo foram diversas, mudaram as pessoas, mudaram os historiadores. Toda a contemporaneidade do mundo também implicou em mudanças na forma de se pensar a história não só pautada em documentos. Podemos entender então a Nova História Cultural, como uma história que não é só pautada em documentos.

METODOLOGIA

A metodologia é bibliográfica buscando trazer reflexões a partir de autores da Nova História Cultural acerca dos passos que um historiador da educação deve percorrer em busca de uma escrita pertinente sobre a história da educação. Para isso, serão usados no decorrer do trabalho autores diversos que tratam sobre a escrita histórica, baseada na perspectiva da Nova História Cultural.

DESENVOLVIMENTO

Dou início com os estudos de Bastos (2016), a autora se reporta aos estudos de Duby (1998) que relata que o historiador não pode se fechar no passado, mas refletir sobre os problemas de seu tempo.

¹Pesavento (2003) relata que a Nova História Cultural é considerada como uma História sem fronteiras. Vem da escola dos Annales (1929) que começou a dar possibilidade ao historiador de construir suas próprias fontes. Ganhou vertentes no Brasil, onde se destacam vários autores brasileiros.

Nesse sentido de contribuição da pesquisa para o campo da História da Educação se destaca o estudo de Vidal e Faria Filho (2003) que faz uma abordagem sobre a trajetória da História da Educação como disciplina e expõe que como autores do campo da História da Educação travaram lutas para que a História da Educação no Brasil fosse realizada e desta forma os autores Vidal e Faria Filho (2003) explicam:

Forçoso é então assumir que, partícipes da construção da disciplina da História da Educação, nós, os autores somos, nos momentos mais recentes, sujeitos e objetos dessa narrativa. E, mais do que isso, que as fontes que utilizamos são, elas também, peças do jogo político que institui a memória (e produz o esquecimento) nas constantes lutas de representações travadas no interior do campo. (VIDAL; FARIA FILHO, 2003, p. 24)

Compreende-se a partir desta colocação dos autores que a luta pela disciplina não foi somente no sentido de se ter a disciplina História da Educação, mas de constituir um campo investigativo que contribua de fato com a sociedade. Pensar a História da Educação como uma ciência seria o ponto um de qualquer reflexão sobre pesquisa neste campo. Pois, este campo já travou lutas para existir.

A reflexão sobre História da Educação deve ser contínua, em todos os passos da pesquisa o historiador da educação se coloca diante que questões. Nóvoa (2015) traz uma primeira reflexão “Procura, dentro de ti, os problemas que te inquietam, aquilo que queres saber e compreender.” (NÓVOA, 2015, p. 24)

O primeiro passo do historiador da educação é refletir sobre história da educação e pensar no problema de pesquisa que o inquieta, precisa buscar respostas para esta inquietação. Nesse sentido, o problema de uma pesquisa precisa estar alinhado ao historiador da educação de tal forma que este se questione o tempo todo a cerca daquilo que pretende pesquisar.

Em seus estudos Bastos (2016), faz uma síntese da problemática que envolve o campo da História da Educação, relata os desafios da organização do campo propriamente dito, segundo a autora a História da Educação Brasileira necessita de avanços no que diz respeito a constituição de bancos de dados e repertório de fontes. Bastos (2016) esclarece:

Também há a necessidade de constituição de bancos de dados acessíveis via Internet, que facilitem ao pesquisador o acesso a repertórios de fontes documentais. O avanço da pesquisa na área sinaliza para uma ação urgente voltada à constituição de inventários e fontes local, regional e nacional, visando fundamentalmente a conservação, salvaguarda e preservação de uma memória da educação brasileira. (BASTOS, 2016, p. 6)

Seria aqui o segundo passo do historiador da educação, buscar os dados, buscar as fontes. Sabemos que uma pesquisa histórica demanda de fontes. Sejam elas fontes oficiais, imagens ou documentos. Todas elas precisam de organização. Me reporto aos escritos de Certeau (1982) que diz que o historiador trabalha com o tempo como material de análise, trabalha com a organização de uma sociedade em seu tempo. Na História todo o estudo inicia-se com a organização, separação do material que será utilizado na pesquisa a que se propõe, separando inicia-se a regra e método pelo qual esses documentos serão analisados e então inicia-se a arte de compreender o passado.

Certeau (1982) destaca em dado momento a expressão “ir aos arquivos” (CERTEAU, 1982, p. 84), dizendo que esta é uma lei da História, buscar arquivos para analisar é de suma importância quando se trata do estudo em História. Os arquivos nem sempre estão organizados. Desta forma, o historiador da educação deve organizar as suas fontes de forma a construir o seu

banco de dados. Construir o seu próprio “canteiro de obras” (CERTEAU, 1982, p. 77).

Este trabalho de organização vai depender das fontes que o historiador da educação tem em mãos. Se as fontes forem digitais poderá organizar em pastas no computador. Se as fontes forem impressas poderão ser arquivadas em pastas, se as fontes forem de arquivos poderão (com autorização) ser digitalizadas. Contudo é necessário que o historiador da educação busque fazer um bom manuseio das fontes e tenha formas estratégicas para organizar, o autor destaca que a “Manipulação semelhante é aquela feita com o mineral já refinado”. (CERTEAU, 1982, p. 79). O historiador da educação vai organizar as fontes de forma a refinar o material que tem em mãos.

O terceiro passo para refletir sobre a história da educação seria compreender que o passado, fazer relação com o futuro e a escrita da História. Me reporto aos estudos de Lee Goff (1990) para esclarecer que a relação passado/presente é muito mais do que estudar a História propriamente dita mas “antes de considerar a oposição passado/presente no quadro da memória coletiva, ter em mente o que ela significa em outros domínios: o da psicologia e, principalmente, o da psicologia infantil e da lingüística.” (LE GOFF, 1990, p.180).

Sendo assim, os estudos que relacionam passado com presente devem considerar o tempo em que se escreve e relacionar este tempo com a forma em que se escreve, ou seja, respeitar o espaço em que se pretende estudar e saber expressar a forma como se escreve, se no passado, no presente ou futuro na escrita.

Nesse sentido, escrever História é uma tarefa um tanto complexa, pois deve-se observar o tempo de que se escreve e observar os tempos lingüísticos que se emprega na escrita. Sobre a escrita da história Le Goff (1990) expõe:

A gramática histórica pode também evidenciar a evolução do emprego dos tempos do verbo e das expressões lingüísticas temporais, como elementos reveladores da evolução das atitudes coletivas perante o passado, enquanto fator social ou histórico. (LEE GOFF ,1990 p. 183)

Sobre a relação documento e monumento propriamente Le Goff (1990), relata que os historiadores se dedicam a compreender a ciência do passado e do tempo que passa, e neste sentido, precisam levar em consideração duas formas de se fazer História, observando os monumentos (herança do passado) e os documentos (escolha do historiador), neste contexto segundo o autor o historiador precisa se atentar para a herança do passado que vai se estudar e quais fontes e documentos vai eleger para realizar suas investigações.

Observa-se aqui que o segundo passo (buscar dados), e o terceiro passo (refletir sobre a história da educação) se interligam aqui. Só é possível construir uma narrativa histórica a partir de fontes, Lee Goff (1990) comenta sobre a habilidade do historiador:

A leitura dos documentos não serviria, pois, para nada se fosse feita com ideias preconcebidas... A sua única habilidade (do historiador) consiste em tirar dos documentos tudo o que eles contêm e em não lhes acrescentar nada do que eles não contêm. O melhor historiador é aquele que se mantém o mais próximo possível dos textos". (LE GOFF 1990 p. 463)

Na ótica de Lee Goff (1990) ser historiador requer uma habilidade para tratar de forma ética os documentos selecionados para uma pesquisa. Observar nos documentos que serão selecionados as informações relevantes a pesquisa de forma mais clara possível, procurando

observar bem o contexto no qual os documentos foram produzidos.

Pesavento (2003) explana o trabalho de organização e método que o historiador deve praticar:

Montar, combinar, compor, cruzar, revelar o detalhe, dar relevância ao secundário, eis o segredo de um método do qual a História se vale, para atingir os sentidos partilhados pelos homens de um outro tempo. Mas, neste rastreio do método, um outro elemento ainda se coloca como essencial para o historiador. (PESAVENTO, 2003, p. 38).

O trabalho do historiador está ligado a comparar fontes, remeter-se a imagem ou outro, cruzar todas essas ideias ao referencial teórico de sua pesquisa. Neste contexto, a autora explora a questão da História como ficção controlada e explica que esse tipo de método permite ao leitor que compreenda o caminho percorrido pelo historiador na narrativa de sua pesquisa.

O debruçar do historiador sobre as fontes seria o quarto passo, após saber o problema de pesquisa, organizar as fontes, fazer reflexões e leituras sobre a história da educação, chega um momento crucial de uma pesquisa que é analisar as fontes coletadas. Os estudos de Le Goff (1990) tratam do documento enquanto monumento (herança do passado):

O documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder. Só a análise do documento enquanto monumento permite à memória coletiva recuperá-lo e ao historiador usá-lo cientificamente, isto é, com pleno conhecimento de causa. (LE GOFF 1990, p. 470)

Compreende-se estudando este autor então, que o historiador, deve selecionar os documentos e questionar estes documentos afim de perceber quais as relações que se estabeleciam no tempo em que estes documentos foram criados e com quais funções foi criado, para atender quais eram as demandas da sociedade. Fica claro neste sentido que é fundamental que o historiador relacione o documento com o contexto histórico e social que foi produzido.

Entramos aqui no quinto passo de uma pesquisa no campo da história da educação, que seria compreender o momento histórico em que a pesquisa está inserida. Levar em consideração os que estava acontecendo no País, no estado, na cidade no período em que se pretende estudar. A periodização e a contextualização são de grande valia. Pois, nenhum elemento da história é isolado:

Inicialmente a historiografia separa seu presente de um passado. Porém, repete sempre o gesto de dividir. Assim sendo, sua cronologia se compõe de "períodos" (por exemplo Idade Média, História Moderna, História Contemporânea) entre os quais se indica sempre a decisão de ser outro ou de não ser mais o que havia sido até então (o Renascimento, a Revolução). Por sua vez, cada tempo "novo" deu lugar a um discurso que considera "morto" "aquilo que o precedeu, recebendo um "passado" já marcado pelas rupturas anteriores. (CERTEAU, 1982, p. 10)

Compreender o momento histórico em que uma pesquisa está inserida, saber o aconteceu antes e depois, se torna fundamental. Todas as rupturas que antecederam o período de uma pesquisa devem ser conhecidas pelo historiador. Nóvoa (2015) faz uma reflexão sobre o tempo na história "O nosso objecto é o passado, mas as perguntas somos nós que as fazemos, a partir do nosso tempo, do tempo presente. Por isso, não podemos ignorar nem o passado nem o presente". (NÓVOA, 2015, p. 25).

O sexto passo para a produção de uma escrita histórica seria a escrita propriamente dita, Certeau (1982) descreve o caminho do historiador como um caminho onde existe o vazio, relata

que o historiador cria um vínculo com o que ele chama de um “o outro mundo”, considerando que este vínculo se torna de certa forma tranquilo pois o historiador trata com quem não pode o fazer mal, referindo-se aos mortos.

Descrevendo sobre a escrita da História, o autor relata que a historiografia deve se preocupar com o lugar de onde se produz o discurso, e que o historiador deve se proteger no distanciamento do seu objeto de estudo.

Nesse sentido, o autor destaca que o distanciamento do tempo em que se escreve faz todo o sentido, pois o historiador se distancia de ideias sobre o objeto de estudo e mergulha num rio cheio de descobertas pelo saber.

Ainda sobre a escrita da História Certeau (1982) relata que a historiografia não é só um ato de “contar a história”, mas de produzir uma história, e que esta se ocupa de uma preocupação com a temporariedade pois é a partir dela que se mantém uma ordem na escrita e que se produz com coerência.

Nessa perspectiva o autor considera também que a temporariedade auxilia a escrita na História no que diz respeito ao recorte em períodos. Sendo assim, destaca-se que em História é de suma importância delimitar os períodos a que se volta o olhar para os estudos, pois o campo é amplo e é necessário periodizar para que se possa estudar e fazer compreensões. Permitindo assim, estudar o passado com vistas a dar lugar para este passado no futuro.

Para Certeau (1982) a escrita da História não se faz para enterrar o passado, mas, sua produção é capaz de honrar ou eliminar a partir do texto, a escrita é capaz de produzir uma relação dos mortos para o leitor vivo, de uma sociedade anterior com a atual.

Propriamente sobre a função da historiografia (escrita da História), trata-se de produzir um discurso histórico, com movimento de documentos, ordem e desordem, tempos, lugares e sociedades. Nesse sentido, pode-se dizer que a escrita da História produz um conteúdo sobre a forma.

Neste mesmo pensamento sobre o rigor na escrita da História Gómes (2003) ressalta que escrita tem complexidades, não é apenas um instrumento da História, mas, um sistema que inclui signos e regras que requerem qualidade técnica e material e não somente quantidade de texto.

Segundo o autor a escrita deve atender também estudos que considerem o social e o cultural. Sendo assim, a escrita histórica precisa dar significados as sociedades que estudam. Nesse sentido, a escrita da história não pode se confundir com a pura descrição do documento, um livro, ou transcrição de um testemunho, precisa ser uma construção com vistas a compreensão do momento passado com vistas no atual.

Para Gómes (2003) a escrita da História perpassa pela compreensão global de uma sociedade, é a conjunção de normas, capacidades de manusear impressos e manuscritos, afim de construir significados para uma sociedade. A produção da escrita da histórica nesse sentido deve determinar a imagem da sociedade que representa, considerando: as fontes do discurso, testemunhas e representações.

Nessa perspectiva é de suma importância que a escrita da História se preocupe com o

tempo em sua produção, levando em consideração aspectos que remetam ao tempo que a produção histórica pretende estudar.

Sobre o ofício do historiador Le Goff (1990), escreve que a relação passado/ presente que existe na História deve levar o historiador a ter certos cuidados, deve refletir sobre a relação com o passado e não julgar, para tanto o autor se reporta aos estudos de Génicot 1980, que explica: O historiador não tem o direito de prosseguir uma demonstração, de defender uma causa, seja ela qual, for, a despeito dos testemunhos. Deve estabelecer e evidenciar a verdade ou o que julga ser a verdade. (LE GOFF, 1990, p. 23)

Para Le Goff (1990) a História não deve conduzir outros saberes e nem mesmo a sociedade, mas, é fundamental que ela faça parte da construção do saber “o historiador também deve ser ouvido” (LE GOFF, 1990, p. 41). Na perspectiva do autor o historiador é que constitui a relação entre passado, presente e futuro e seu trabalho é de extrema relevância, cabe ao historiador então esforçar-se em seu processo de análise de acontecimentos, fatos e compreensão da história, compreendendo que é um observador científico que trabalha de acordo com um código moral.

Para Le Goff (1990) a História é a ciência do tempo e o historiador é quem se propõe a escreve-la e por isso é um trabalho de cunho ético. O autor descreve sobre os perigos da História:

Quando Paul Valéry declara: "A história é o, produto mais perigoso que a química do intelecto elaborou... A história justifica o que se quiser. Não ensina rigorosamente nada, pois tudo contém e de tudo dá exemplos" [1931, pp. 63-64]. Este espírito, aliás tão agudo, confunde a história humana com a história científica e revela a sua ignorância sobre o trabalho histórico. (LE GOFF, 1990, p. 25)

No que se trata de falar sobre a História Nóvoa (2015) escreve que o historiador não deve ignorar nem o passado nem o presente, mas, compreender que as perguntas sobre o passado surgem diante da compreensão do tempo. O autor relata que a História não é só a escrita sobre o passado, mas, uma reflexão sobre o tempo e que o historiador não pode confundir épocas, a sua interpretação deve partir de uma interpretação histórica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na ótica de Nóvoa (2015) existe um rigor deve-se construir interpretações sólidas, com bases em documentos e fontes seguras, porém o historiador não deve produzir história engessado. É necessário compreender o tempo e a cronologia de determinada época e escrever sua narrativa de forma própria.

Na concepção de Nóvoa (2015), o historiador deve compreender mais do que o conteúdo da História, mas ter um conhecimento amplo, ler muito sobre diversas áreas para não ser um mero reprodutor de História, mas construir de fato uma narrativa histórica que contextualize de fato com a sociedade. Ainda sobre a função do historiador o autor comenta que este deve dialogar com outras áreas, e produzir sua escrita com troca de saberes com colegas de outras áreas:

A investigação histórica necessita de um certo distanciamento em relação aos objectos de estudo, mas isso não implica neutralidade ou indiferença. A história não tem lições para dar, mas é indispensável para abrir novas compreensões, para iluminar aspectos que foram deixados

na sombra. (NÓVOA, 2015, p. 32)

Os estudos com a História da Educação requerem cuidado por parte de quem o escreve, e rigor metodológico, requer leituras e reflexões ao longo do processo. Conclui-se aqui, que a escrita de uma pesquisa na perspectiva da Nova História Cultural exige do historiador a compreensão do campo, ou seja, é necessário em primeiro lugar compreender que a História da educação é uma ciência.

Em segundo lugar foi elencado que é necessário buscar fontes e organizar os dados. Isso faz parte do ofício do historiador, estudos de Certeau (1982) colocam a ida aos arquivos como uma lei da história.

Em terceiro, é necessário refletir sobre a história, um trabalho histórico não se faz de forma isolada, buscar temas que tenham haver com a pesquisa que se pretende realizar é de suma importância.

Em quarto lugar, foram realizadas reflexões sobre o “debruçar sobre as fontes”, é importante que o historiador faça relação entre as fontes e os teóricos que estudou afim de ir entrelaçando a teoria com seu tema de estudo.

Em quinto lugar, foi elencado que é oportuno se pensar no momento histórico em que a pesquisa está inserida, pois, a história não é isolada. A periodização do estudo é importante para saber o que aconteceu antes e depois e para que se possa ter compreensão do ponto de partida.

Em sexto, foram feitas reflexões sobre a escrita propriamente dita. Como é a arte de construir uma narrativa histórica, evidenciando a importância do rigor na escrita e de uma construção baseada numa narrativa ética.

REFERÊNCIAS

BASTOS, M.H.C. O que é história da Educação no Brasil hoje? Tempos de reflexão. Espacio. Tiempo y Educación. 3 (1). 43-59. doi: [http:// dex.doi.org/10.14516/ete.2016.003.001.4](http://dex.doi.org/10.14516/ete.2016.003.001.4)

CERTEAU, Michel. A escrita da história. Rio de Janeiro: Floresce Universitária, 1982.

GÓMES, Antonio Castillo. Historia de la cultura escrita. Universidade de Alcalá. Revista Brasileira da Educação nº5 jan/jun.2003.

LE GOFF. História e Memória. CAMPINAS, SP: Editora da UNICAMP, 1990.

NÓVOA, António. Carta a um jovem historiador. Historia y memoria de la Educación.p.23-58. 2015.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História Cultural. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

VIDAL, Diana Gonçalves e FILHO, Luciano Mendes de Faria. História da Educação no Brasil: a constituição histórica do campo (1880- 1970). Revista Brasileira de História. São Paulo. V.23, nº 45, p.37-70, 2003.

